

## ROMANCE HISTÓRICO: AS FICÇÕES DA HISTÓRIA

Rildo COSSON<sup>1</sup>

Cíntia SCHWANTES<sup>2</sup>

- RESUMO: O debate contemporâneo sobre as fronteiras entre a literatura e a história recupera de várias maneiras disputas anteriores. Uma delas é a discussão sobre o valor e a verdade das narrativas históricas e literárias, cujas relações se alternam entre períodos de oposição e de complementaridade. Nesse sentido, a análise de três modalidades de romance histórico, localizadas cada uma de maneira muito peculiar nos limiares da literatura com a história, pode ajudar a compreender melhor as fronteiras entre os dois discursos e os procedimentos com que eles referendam as suas verdades e os seus valores.
- PALAVRAS-CHAVE: Romance histórico; fronteiras discursivas; romance histórico tradicional; romance histórico revisionista; metaficção historiográfica.

### Literatura e História: valor e verdade

O debate atual em torno das relações mais ou menos estreitas da literatura com a história pode ser compreendido a partir de duas grandes linhas. Uma delas parte de dentro da história e tem como principal horizonte as realizações da Nova História. Nela se discutem não apenas as novas possibilidades de escrita da história, tais como demonstradas pela história das mentalidades, a história cultural e a micro-história, que a aproximam da narrativa literária, como também a própria questão da verdade histórica desvelada, para uns, ameaçada, para outros, por essa proximidade. A outra surge da expansão da teoria literária pós-estruturalista, sobretudo dentro da academia norte-americana, como bem mostra o crescimento dos estudos culturais, igualmente considerada por muitos como uma ameaça à existência da literatura enquanto instância cultural privilegiada da expressão e comunicação humana. Nesse segundo caso, o interesse maior está centrado nas diversas formas de representação que, cruzando disciplinas, interpretam o passado e determinam o presente. Trata-se, portanto, de indagar sobre o uso e, conseqüentemente, o valor da história e da literatura em nossa sociedade.

<sup>1</sup> Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino – Faculdade de Educação – UFMG – 312270-901 – Belo Horizonte – MG – cosson@fae.ufmg.br.

<sup>2</sup> Departamento de Letras – Instituto de Letras e Artes – UFPEL – 96020-900 – Pelotas – RS – schwante@ufpel.tche.br.

A despeito da contemporaneidade desse debate, conforme se pode verificar tanto nos seminários quanto nas publicações que trazem como tema os intercruzamentos das duas disciplinas, não se pode esquecer que ele remonta ao mundo clássico e possui uma longa tradição, quer no campo da história, quer no campo da literatura, quer no campo da filosofia. Dessa maneira, pode-se dizer que em Platão temos a questão do valor da história e da literatura, sendo a primeira superposta à segunda, uma vez que a literatura seria imitação de imitação. Com Aristóteles, ao contrário, temos a literatura colocada em primeiro lugar e a história em segundo, porque a verdade desta é particular e a daquela é geral. Dos gregos aos nossos dias, a relação entre literatura e história estabilizou-se, pelos menos no que diz respeito ao positivismo do século XIX, como uma oposição entre arte e ciência, criação e testemunho, emoção e técnica, ficção e verdade, fruição e conhecimento. É sobre essa cadeia de oposições que se assenta o debate recente, seja para reconfigurar os limites dos dois campos de saber agora entendidos como discursos, seja para apagar suas fronteiras ou proclamar a impossibilidade de distingui-las.

A atenção que as zonas de fronteiras recebem atualmente no campo da literatura e no campo da história tem como sustentação tanto a produção recente que busca aproximar os discursos de realidade com o discurso literário, como uma revisão da produção do passado, quando os limites discursivos estavam em processo de consolidação. O resultado é que os estudos dos limiares literários e históricos têm adquirido uma dimensão extraordinária, pois se movimentam horizontalmente no presente e verticalmente em direção ao passado. Por essa razão, é possível aproximar autores e obras aparentemente muito distantes, como Hayden White (1994) e sua desafiadora leitura da retórica da história, e o *nonfiction novel* de Truman Capote (1965) e Norman Mailer (1979); os testemunhos registrados por antropólogos ou jornalistas, como o fazem Elizabeth Burgos-Debray (1993) e Elena Poniatowska (1971), e os estudos sobre a origem do romance, a exemplo dos livros de Ian Watt (1990) e Lennard Davis (1983), entre muitos outros exemplos envolvendo memórias, biografias, autobiografias, romances e ensaios históricos movidos pelo mesmo princípio de que as fronteiras entre os discursos foram e podem ser reescritas de acordo com as necessidades de expressão e comunicação dentro de uma determinada sociedade.

Todavia, se as fronteiras entre literatura e história nunca foram rígidas, conforme defende Peter Burke (1997), ou se os gêneros estão sendo borrados, como afirma Clifford Geertz (1985), nem por isso a política das semelhanças entre os textos deve sobrepor-se à lógica de suas diferenças (MIGNOLO, 1993). Na verdade, cada vez mais o leitor é instado a identificar os diferentes procedimentos narrativos dos textos em circulação entre a história e a literatura, necessitando em cada caso percorrer as linhas que separam e ao mesmo tempo unem os dois discursos. E isso não apenas para poder selecionar adequadamente aquilo que deseja ler através de uma classificação genérica, mas também e principalmente porque é através desses procedimentos que

história e literatura referendam as suas verdades e os seus valores. É com esse propósito que queremos sugerir a existência de três modalidades de romance histórico localizados cada um de maneira muito peculiar nos limiares da literatura com a história.

### O romance histórico

Popularizado no Romantismo, com o exemplo bem sucedido de Walter Scott, o romance histórico rapidamente se expandiu pelas literaturas ocidentais e desde então tem angariado um número crescente de leitores e escritores. Graças a essa constante audiência, temos hoje diversos tipos de romances históricos espalhados no amplo espectro do sistema literário que vai da literatura de massa até a literatura erudita. A diversidade é tamanha que nos permite postular a existência de três modalidades distintas de romance histórico tendo como parâmetro de identificação a relação da literatura com a história.

Antes de iniciarmos nossa leitura dessas modalidades de romance histórico é preciso estabelecer algumas distinções pragmáticas ou didáticas nessa massa de textos que aproximam a literatura dos discursos de realidade, quer transitando entre suas fronteiras, quer se localizando em uma de suas bordas. A primeira delas é sobre o estatuto discursivo desses textos. Ao contrário da biografia, da autobiografia e das memórias, que transitam entre os dois discursos, ora se querendo históricas, ora se construindo como literárias, o romance histórico se afirma e constrói como literário e não histórico. O seu estatuto discursivo não é ambíguo, nem duplo, como acontece, por exemplo, com a crônica e o romance-reportagem (COSSON, 2001). A sua escritura requer do autor, usualmente, um longo trabalho de pesquisa em documentos e fontes históricas, mas o leitor, apesar de poder e, em muitos casos, dever tomar todas as informações como factuais, não deve esquecer que está frente a uma obra literária.

Depois, como todos os romances são de uma maneira ou de outra históricos, não basta que em um romance sejam encontradas referências a episódios verídicos para que ele seja considerado romance histórico. Se tal critério fosse seguido a grande maioria dos romances, se não todos, seria histórico, uma vez que mesmo os romances de cunho mais intimista precisam de alguma referência ao mundo exterior das personagens. Igualmente, o romance histórico não deve ser confundido com os romances de ambientação histórica. O simples fato de um romance ter a sua ação em um tempo passado em relação aos seus leitores contemporâneos não lhe garante automaticamente a condição de histórico. Até porque qualquer romance que sobrevivesse a sua época seria automaticamente incluído na categoria de histórico. Tanto no primeiro caso, quanto no segundo, não se tem romance histórico. Na verdade, o que ensina o uso do adjetivo histórico em um romance é a presença da história como parte constitutiva da obra, isto é, a certeza de que sem a presença daqueles personagens que são pessoas e sem os episódios conhecidos como históricos o romance

seria outro. Tendo pontuado tais distinções, que são precauções ainda insuficientes para quem se aventura no campo minado das relações entre história e literatura, passemos, então, às três modalidades do romance histórico.

### O romance histórico tradicional

Uma primeira modalidade é aquela que faz da história um cenário para o exercício da ficção. Neste caso, que alguns ficariam tentados a denominar de romance histórico tradicional ou clássico, a relação entre literatura e história tem uma fronteira bem delimitada que não deve ser ultrapassada. O romancista não se considera um historiador e o historiador compreende o romance como uma fantasia criada a partir de fatos históricos. Isso porque os historiadores, conforme explicita Peter Burke, tinham como objetivo elaborar “narrativas de grandes eventos e os feitos dos grandes homens”, já os romancistas aceitavam as interpretações dos historiadores como verdadeiras, ganhando licença “para inventar personagens menores, ilustrando os efeitos de grandes mudanças históricas num nível local ou pessoal” (BURKE, 1997, p. 112). Em outras palavras, o arranjo determinava que o romancista ficaria com a vida privada e o historiador com a vida política. Mesmo quando personagens históricas invadiam a cena romanesca, destes interessava ao romancista apenas os atos íntimos governados pela paixão, ficando o historiador responsável pelos atos realmente históricos. Daí a relação de complementaridade entre história e romance, pois este subscrevia aquela confirmando o seu valor e a sua verdade para o grande público.

Grandes obras foram escritas dentro desta modalidade de romance histórico, a começar por Walter Scott e o seu mais que conhecido *Ivanhoé*, no qual personagens como Cedric e Front-the-Boeuf são tipos que representam as disputas entre saxões e normandos na Inglaterra medieval e atuam coadjuvadas por personagens históricas, tais como Ricardo Coração-de-Leão e João Sem-Terra. Na mesma linha, Alexandre Herculano encena, em *Eurico, o presbítero*, através do amargurado Eurico e de seu amor pela inefável Hermengarda, a queda da Península Ibérica e o início da longa reconquista que viria a dar origem a Portugal e Espanha. No Brasil, José de Alencar reinventa a origem do Brasil em *O Guarani* e em *Iracema*, assim como procura dar conta do Brasil Colonial em *As Minas de Prata* e *A Guerra dos Mascates*.

Trata-se aqui apenas de exemplos do Romantismo, período em que essa modalidade de romance histórico parece ter alcançado seu apogeu, mas isso não quer dizer que, superado o estilo romântico, tenha caído por terra o romance histórico. Ao contrário, obras como *Guerra e Paz*, de Tolstói, e *Salambô*, de Flaubert, apenas para mencionar dois exemplos, dão continuidade a esse tipo de romance mas já antecipam as modificações que viriam a originar a segunda modalidade. Mesmo em nossos dias, o arcabouço do romance histórico clássico ainda se impõe, como se pode verificar em grande parte das narrativas literárias atuais, a exemplo de *Perversas Famílias*, de

Luís Antônio Assis Brasil, e *Agosto*, de Rubem Fonseca. O primeiro narra a história de uma família que é também a história do Rio Grande do Sul, tendo como centro a figura do Senador Olympio, que faz a transição entre o Império e a República. O segundo trata do suicídio de Getúlio Vargas e os acontecimentos históricos do mês de agosto de 1954. O fato de essas narrativas adotarem, em maior ou menor grau, as inovações da narrativa literária contemporânea não esconde a relação de complementaridade que elas mantêm com a história.

Essa modalidade também permanece em tom menor e, alguns casos bastante simplificada, nos *best-sellers* e na literatura de massa. Ilustrações dessa permanência podem ser encontradas nos romances históricos cristãos de Taylor Cadwell, na retomada das novelas de cavalaria de Barbara Cartland e nos romances históricos da coleção Sabrina. É assim que Taylor Cadwell faz em *Médico de Homens e de Almas* uma reminiscência da vida da Roma antiga, que já encontrou melhor expressão em *Ben-Hur*, de Lewis Wallace, e *Os últimos dias de Pompéia*, de Lord Buelwer Lytton. Já Cartland e a coleção Sabrina investem em numerosos títulos sobre a exploração de um triângulo amoroso cujo pano de fundo é um acontecimento histórico (a rigor esses últimos não seriam propriamente romances históricos, mas apenas romances com ambientação histórica).

Além da banalização de seu modelo narrativo na chamada literatura popular, que é acompanhada por filmes e novelas de televisão, a ligação entre literatura e história proposta pelo romance histórico clássico enfrenta contemporaneamente outro desafio. Trata-se das novas correntes historiográficas que recusam a partilha anterior que colocava o histórico como sinônimo do político e reservava ao literário o privado. Dessa maneira, a micro-história e/ou a história da vida privada avançam sobre o espaço do romance histórico clássico à medida que oferecem simultaneamente a narrativa da vida de um indivíduo e a reflexão histórica necessária para entendê-la, como se pode verificar no exemplo bem-sucedido de *O Queijo e os Vermes*, de Carlo Ginzburg.

### O romance histórico revisionista

Uma segunda modalidade é aquela que reescreve a história através da ficção. Nesse segundo caso, temos um intenso intercâmbio entre a literatura e a história. De um lado estão as revisões históricas que buscam subverter as versões da história oficial; de outro, a liberdade do romance para preencher as lacunas de documentação da pesquisa histórica. Romancista e historiador passam a ser parceiros engajados na busca de uma verdade maior que foi perdida ou ocultada. História e literatura se confirmam mutuamente em termos de valores e verdades. Não raro, os textos de um e de outro lado da fronteira se confundem, não porque esteja sendo ultrapassada a linha divisória entre os campos, mas porque são irmãos gêmeos nascidos de um

mesmo objetivo. Por essa confluência, não há espaço para se discutir as diferenças ou as semelhanças entre a literatura e a história, uma vez que predomina o acordo tácito de equivalência na certeza do valor e da verdade de cada discurso.

Tais reescrituras, que poderíamos denominar de romance histórico revisionista ou ficção historiográfica, possuem normalmente um cunho político bem determinado, como é o caso de André Malraux e seus dois romances sobre a revolução chinesa: *Os Conquistadores* e *A Condição Humana*. Como bem diz Maria Teresa Freitas, nesses dois romances

os personagens encontram afinal um sentido para sua ação histórica, e até mesmo para suas vidas – uma resposta às interrogações levantadas pelo conflito trágico de seu confronto com a História -, e o autor tenta assim ‘falar às massas’ e ‘contribuir à formação das consciências’. (FREITAS, 1986, p. 64)

Também é interessante ressaltar que, nesta segunda modalidade, as personagens que são pessoas saem do papel de meros acessórios históricos para ocupar, lado a lado com as personagens inventadas, o centro da narrativa. Um exemplo disso pode ser visto na releitura da Guerra do Paraguai feita por Carlos de Oliveira Gomes, quando conta, em *A Solidão Segundo Solano López*, não só a história de Juan e Soledad Fabíola, como também a de Madame Lynch e Solano López.

Ainda que não tenha sido apropriado pela literatura de massa, o romance histórico revisionista também enfrenta problemas de banalização, sobretudo de cunho político. Não poucas vezes esses romances adquirem um tom panfletário e as personagens agem movidas mais pelas paixões do autor do que por uma nova perspectiva dos eventos históricos. Igualmente, a ausência da contrapartida histórica não permite que o romancista avance em questões já estabelecidas ou reveja, com base documental, acontecimentos significativos da história encenada no romance. O resultado é que a revisão histórica termina se restringindo a uma humanização do herói histórico. Esse é o caso, por exemplo, do romance *Netto perde sua alma*, de Tabajara Ruas, no qual a figura histórica do General Netto, longe de ser propriamente revista, é representada tão heróica quanto em qualquer livro de história.

Uma variante do romance histórico que pode ser ora revisionista, ora tradicional, é aquela que olha a história da perspectiva daqueles que usualmente não freqüentam os manuais de história, ou, se o fazem, servem apenas para denominar o coletivo. Trata-se de tomar o anônimo ou o povo personificado como agentes da história, fazendo com que os episódios sejam relatados a partir desse olhar que não determina o rumo dos acontecimentos por não ter poder, mas os vivencia e pode dar a eles um sentido outro, diverso daquele que se encontra escrito e inscrito no registro oficial. Érico Veríssimo já havia feito uma transposição desse tipo, ainda que cunho didático, em *As aventuras de Tibicuera*, o índio que é o alter-ego do brasileiro. Mais

recentemente, as obras de Sinval Medina, *Memorial de Santa Cruz*, e João Ubaldo Ribeiro, *Viva o povo brasileiro*, trilham o mesmo caminho, narrando, em uma visão mais revisionista do que tradicional, a história do Brasil vivida pelo homem do povo – sendo o primeiro emblematicamente chamado Santa Cruz, e o segundo representado por uma comunidade do recôncavo baiano.

### A metaficção historiográfica

Uma terceira modalidade é aquela que desvela o caráter narrativo da história, recusando os pactos de vizinhança que sustentam as divisões entre os dois discursos. Não se trata mais de dividir o território da narrativa entre ficção e história, nem da união de forças para subverter o estabelecido, mas sim, como analisa Linda Hutcheon, de que a literatura e a história agora “partilham a mesma postura de questionamento com relação ao uso comum que dão às convenções narrativas, à referência, à inserção da subjetividade, a sua identidade como textualidade e até seu envolvimento na ideologia” (HUTCHEON, 1991, p. 142). Nessa terceira modalidade, que é chamada de metaficção historiográfica ou romance histórico pós-moderno, a verdade da história passa a ser plural e o romance se ocupa dos limites de toda e qualquer representação. Dessa forma, o valor da narrativa, seja ela histórica ou literária, está não apenas na verdade do que diz, mas também na consciência de que usa uma determinada forma para dizer essa verdade. A metaficção historiográfica coloca em primeiro plano a autoconsciência de que a história e a literatura são construções discursivas, motivo pelo qual é possível reescrever o passado como ficção e a ficção como passado.

A intensa reflexividade presente nessa modalidade de romance histórico permite, ainda, o cruzamento dos gêneros e o rompimento de fronteiras. O resultado é uma narrativa múltipla, como é exemplo o texto de Silviano Santiago, *Em Liberdade*, no qual memórias inventadas de Graciliano Ramos conduzem à leitura da relação entre o intelectual e o poder autoritário em três momentos: no Brasil colonial, a partir do caso de Cláudio Manuel da Costa; na ditadura civil de Getúlio Vargas, com o caso do próprio Graciliano Ramos; e na ditadura militar, com o caso de Vladimir Herzog. Essa reapresentação da história feita por Santiago não ficcionaliza o mundo histórico como o faz o romance histórico clássico, nem possui o caráter de certeza encontrado no romance histórico revisionista. Ao contrário, a sua legitimidade vem justamente do fato de se apresentar apenas como uma entre tantas outras possibilidades. Com isso, a metaficção historiográfica ironiza o valor da história como registro do passado e termina revelando que a verdade histórica depende tanto do trabalho de pesquisa do historiador quanto das estratégias narrativas do romancista. A mesma ironia pode ser encontrada em *História do Cerco de Lisboa*, de José Saramago, quando o revisor insere a palavra “não” no texto do ensaísta e com isso transforma e ameaça a verdade registrada pela história. Agora, ao lado do historiador e do romancista, devem ser

acrescentados os revisores e toda a cadeia de personagens que escrevem, corrigem e fazem os acontecimentos passarem da vida para o papel.

Uma variante da metaficção historiográfica é a narrativa que mistura personagens ficcionais e história. Tendo como base a existência de personagens ficcionais tão conhecidos como as figuras históricas, esse tipo de metaficção historiográfica apóia-se na memória cultural para fazer conviver, com o mesmo estatuto, tanto os seres provenientes dos livros de ficção quanto os do registro histórico. Um exemplo recente é o livro de Jô Soares, *O Xangô de Baker Street*, que coloca lado a lado, em uma intriga policial, Sherlock Holmes, D. Pedro II, Sarah Bernhard. Aqui se poderia argumentar que, com sua mistura de sexo, crime e suspense, o romance de Soares está muito mais próximo de um certo modelo de *best-seller* do que das narrativas de metaficção historiográfica. Entretanto, mesmo que pese tal proximidade, os elementos básicos da terceira modalidade citados anteriormente não deixam de estar presentes.

### Considerações finais

Finalmente, se as relações entre a história e a literatura tratam de valores e verdades, o romance histórico, em qualquer de suas modalidades e variantes, mostra que nem a verdade é uma exclusividade da história, nem o valor é um privilégio da literatura. Fazendo da ficção história ou da história ficção, o romance histórico pode confirmar, reformar ou negar a fronteira que separa a ficção do registro de realidade e com isso nos ensinar que verdades e valores não são propriedades discursivas, mas sim resultado de negociações sociais e individuais entre o que queremos e o que podemos dizer sobre o mundo e nós mesmos.

Para encerrar nossa reflexão, queremos fazer uma ressalva. A apresentação temporalmente progressiva que fizemos aqui pode sugerir que há uma hierarquia de valores entre as diversas modalidades de romance histórico segundo a sua atualidade. Queremos, entretanto, deixar claro que recusamos essa perspectiva evolucionista. Se é verdade que essas modalidades respondem às transformações das relações entre a História e a Literatura e desses próprios campos de saber, nem por isso devemos considerar que as inovações sejam automaticamente superiores e as repetições de modalidades do passado sejam necessariamente inferiores. Atualidade não deve ser confundida com qualidade.

COSSON, Rildo & SCHWANTES, Cíntia. Historical Novel: The Fictions of History. *Itinerários*, Araraquara, n. 23, p. 29-37, 2005.

- *ABSTRACT: The contemporary debate about the borderlines between history and literature resumes previous controversies in several ways. One of them is the argument about the truth and the value of historical and literary narratives, whose*

*relationship alternates opposition and completeness in different periods of time. In this way, the analysis of three kinds of historical novels, each of them located in a very specific way in the boundary between literature and history, can be useful to understand the borderlines between the two discourses and their means of building value and truth.*

- *KEYWORDS: Historical novel; discourse borderlines; traditional historical novel; revisionist historical novel; historiographic metafiction.*

### Referências

- BURGOS-DEBRAY, E. **Meu nome é Rigoberta Menchú**: e assim nasceu minha consciência. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- BURKE, P. As fronteiras instáveis entre história e ficção. In: AGUIAR, F. **Gêneros de fronteira**: cruzamentos entre o histórico e o literário. São Paulo: Xamã, 1997. p.107-15.
- CAPOTE, T. **In cold blood**. New York: New American Library, 1965.
- COSSON, R. **Romance-reportagem**: o gênero. Brasília: Ed. UnB, 2001.
- DAVIS, L. **Factual fictions**: the origins of the English novel. New York: Columbia Univ. Press, 1983.
- FREITAS, M. T. de. **Literatura e história**. São Paulo: Atual, 1986.
- GEERTZ, C. Blurred genres: the refiguration of social thought. In: ADAMS, H.; SEARLE, L. (Ed.). **Critical theory since 1965**. Tallahassee: Florida Univ. Press, 1985.
- HUCTHEON, L. **Poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MAILER, N. **The armies of the night**. New York: New America Library, 1968.
- MAILER, N. **The executioner's song**. New York: Warner Books, 1979.
- MIGNOLO, W. Lógica das diferenças e política das semelhanças da literatura que parece história ou antropologia e vice-versa. In: CHIAPPINI, L.; AGUIAR, F. (Org.). **Literatura e história na América Latina**. São Paulo: Ed. USP, 1993.
- PONIATOWSKA, E. **La noche de Tlatelolco**. México, DF: Era, 1971.
- WATT, I. **A ascensão do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- WHITE, H. **Trópicos do discurso**. São Paulo: Ed. USP, 1994.

■ ■ ■